

O PODER DISCIPLINAR DA ENFERMAGEM NO ESPAÇO HOSPITALAR: UMA APROXIMAÇÃO COM O PENSAMENTO DE FOUCAULT¹

THE DISCIPLINARY POWER OF NURSING IN THE HOSPITAL SPACE: A CONVERGENCE TOWARDS FOUCAULT'S IDEAS

EL PODER DISCIPLINARIO DE LA ENFERMERÍA EN EL ESPACIO HOSPITALARIO: UNA APROXIMACIÓN CON EL PENSAMIENTO DE FOUCAULT

Miriam Süsskind Borenstein²

RESUMO: Este estudo apresenta algumas reflexões de como o poder disciplinar, à luz de Foucault, tem sido exercido sobre os membros da equipe de enfermagem que atuam no espaço hospitalar, permitindo a partir daí, conhecer, refletir e, buscar uma nova forma de realizar mudanças no âmbito da enfermagem.

PALAVRAS-CHAVE: poder disciplinar, enfermagem, espaço hospitalar, Foucault

INTRODUÇÃO

O poder constituiu um dos assuntos que permeou, de forma bastante intensa, a obra de Foucault, e que, de uma forma ou de outra, esteve presente em quase todos os seus escritos. Parece quase que impossível, atualmente, querer estudar criticamente a medicina, a enfermagem e o hospital, sem abordar os escritos de Foucault, uma vez que este autor tem sido considerado um dos grandes críticos desta área da ciência.

O poder para *Foucault* (1995, p.227), funciona como um conceito que tenta compreender como as práticas sociais operam, sem cair numa teoria tradicional da história. Ao analisar historicamente o poder enquanto instrumento capaz de explicar a produção dos saberes, ele apresenta uma concepção de poder que é diferente das tradicionais (1980, p.88). Estudou o aparecimento do hospital, sua constituição, sua transformação (de morredouro a terapêutico) e conseqüente medicalização, descrevendo o poder relacional entre médicos e o pessoal religioso que lá atuava (1989, p.99-111).

Em sua obra "Vigiar e Punir", Foucault refere que a disciplina ou o poder disciplinar tem sido utilizado como um processo de dominação corporal, docilizando os corpos: aumentando as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminuindo estas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Este tipo de poder disciplinar tem sido percebido também por diferentes autoras (*Miranda*, 1987, *Lunardi*, 1995 e 1997, *Padilha*, 1998, entre outras), ao estudarem as relações estabelecidas entre enfermeiras e estudantes de enfermagem, entre religiosas da enfermagem e enfermeiras e médicos no ambiente hospitalar.

¹ Este artigo é uma adaptação do capítulo dois da tese de doutorado intitulada: *O cotidiano da enfermagem no Hospital de Caridade de Florianópolis, no período de 1953 a 1968, orientado pelo prof. Dr. Ivo Gelain, defendida em abril de 2000, no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFSC.*

² Profa. Adjunto IV do Departamento de Enfermagem da UFSC. Dra. em Filosofia da Enfermagem - UFSC.

Com base nos escritos de *Foucault* (1980, 1989, 1991, 1995), este estudo tem como objetivo, fazer refletir como o poder disciplinar tem sido exercido pelas enfermeiras ou por outras que assumem cargos de chefias e que atuam sobre os membros da equipe de enfermagem no espaço hospitalar.

O PODER DISCIPLINAR

Segundo *Foucault* (1991, p.127), o momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce a arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas pretende a formação de uma relação que, no mesmo mecanismo, o torna tanto mais obediente quanto mais útil e, inversamente, menos politizado. A disciplina fabrica, assim, corpos submissos e exercitados, corpos dóceis. A disciplina potencializa as forças do corpo em termos de produção e diminui estas mesmas forças em termos políticos. Ela dissocia o poder do corpo, faz dele uma aptidão, uma capacidade que procura aumentar e inverte a energia, a partir de uma relação de sujeição. Aumenta a aptidão com o conseqüente aumento da dominação.

Não é a primeira vez que o corpo é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes, pois o corpo, em qualquer sociedade, está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. Entretanto, é no século XVIII que lhe são impostas novas técnicas, como do controle. Não se trata de cuidar do corpo em massa, mas de trabalhá-lo detalhadamente, de exercer sobre este uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível da mecânica – movimentos, gestos, atitude, rapidez, um poder infinitesimal sobre o corpo ativo.

Não há preocupação, neste caso, com o comportamento propriamente dito ou com a linguagem, mas com a economia, a eficácia dos movimentos, sua organização interna: a coação se faz mais sobre as forças do que sobre os sinais, e o que importa, na verdade, é o exercício. Esquadrinham-se, ao máximo, o tempo, o espaço e os movimentos. Esses métodos, que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que *Foucault* denominou de "disciplinas".

Esta nova invenção, a disciplina, não ocorreu de uma hora para outra mas como uma conseqüência de multiplicidades de processos mínimos, de origens diferentes, de localizações esparsas: ocorrendo nos colégios e, lentamente passou a ocorrer no espaço hospitalar (*Foucault*, 1991, p.127).

A disciplina utiliza-se de técnicas sempre minuciosas, muitas vezes ínfimas, mas que têm importância vital, pois definem um certo modo de investimento político e detalhado do corpo, uma nova microfísica do poder; desde o século XVII, não cessaram de ganhar cada vez mais espaços, cobrindo o corpo social inteiro. Pequenas astúcias, arranjos sutis, de aparente inocência, mas profundamente suspeitos; dispositivos que obedecem a economias inconfessáveis, são eles que levaram à mutação do regime punitivo, na época contemporânea.

Na enfermagem hospitalar, as meticulosidades aparecem a cada momento e em cada lugar: desde a simples prega que uma auxiliar de enfermagem faz, ao arrumar o lençol de um leito, ou a forma como passa uma torunda em uma incisão cirúrgica, até os olhares de aprovação ou reprovação que recebe de sua supervisora; são pequenas, porém múltiplas manifestações de um poder disciplinar, que proliferam por onde passam.

A disciplina, segundo *Foucault* (1991, p.128), é uma anatomia política do detalhe. Nessa grande tradição do detalhe, viriam se localizar, sem dificuldade, todas as meticulosidades da educação cristã, da pedagogia escolar ou militar, nas suas múltiplas formas. Finalmente no treinamento do homem disciplinado, assim como para o verdadeiro crente, nenhum detalhe é indiferente, menos pelo sentido que nele se esconde do que pela entrada que aí encontra o

poder, que quer apanhá-lo.

Alguns trabalhos de *Foucault*, tais como: *Microfísica do Poder* (1989) e *Vigiar e Punir* (1991), realizados a partir da investigação de inúmeros documentos, analisam criteriosamente os processos regionais de disciplinarização que se desenvolveram na época clássica, em escolas, exércitos, prisões e em hospitais. Apesar de possuírem suas especificidades, essas disciplinas têm algumas características comuns, que são: a) a distribuição dos indivíduos no espaço; b) o controle da atividade; c) a vigilância perpétua; d) a sanção normalizadora; e e) o registro das observações.

DISTRIBUIÇÃO DOS INDIVÍDUOS NO ESPAÇO

Segundo *Foucault* (1991, p.131), a disciplina precede, em primeiro lugar, à distribuição dos indivíduos no espaço. Para isto, utiliza-se de diversas técnicas. Exige uma espécie de um local heterogêneo a todos os outros e fechado em si mesmo: local protegido pela monotonia disciplinar. Há necessidade de um princípio de localização imediata ou do quadriculamento, ou seja, cada indivíduo no seu lugar, e em cada lugar, um indivíduo. É preciso anular os efeitos das repartições indecisas, o desaparecimento descontrolado dos indivíduos, sua circulação difusa e a possibilidade de deserção, vadiagem, aglomeração. Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as inúteis e vigiar, a todo o instante, os comportamentos de cada um. A disciplina organiza um espaço analítico.

No passado as religiosas que atuavam no hospital, não só as da enfermagem, circulavam quase sempre nos mesmos locais, sendo possível vigiá-las a qualquer momento e durante todo o tempo, pois almoçavam numa ampla mesa enfileiradas, num mesmo refeitório, num mesmo horário; dormiam em grandes dormitórios, em camas postas lado a lado, higienizavam-se em grandes banheiros e faziam suas orações na capela, num mesmo horário. E, ainda, as que atuavam nas enfermarias, permaneciam nesses locais por um longo período de tempo, só ausentando-se deles para as refeições, as orações e para o descanso à noite, sendo possível facilmente estabelecer a presença e ausência dessas irmãs, o que era feito em geral, pela superiora.

Nos dias atuais, a enfermeira supervisora de cada unidade hospitalar, mantém o controle sobre os funcionários da enfermagem, a partir da sua supervisão direta, e costuma verificar as presenças e ausências destes, na respectiva enfermaria e fora dela.

O CONTROLE DA ATIVIDADE

O controle da atividade caracteriza-se, segundo *Foucault* (1991, p.136), pelo controle exercido sobre o corpo, interessando não tanto o resultado final da ação, mas o seu desenvolvimento. Este controle tem o rigor do tempo (horário); da elaboração temporal do ato; da correlação do corpo e dos gestos; da articulação corpo-objeto e da utilização exaustiva.

Na enfermagem, o controle da atividade pode ser percebido, por exemplo, quando a enfermeira supervisora da enfermaria observa um procedimento de enfermagem realizado por um auxiliar de enfermagem ou técnico de enfermagem. É demonstrado por uma preocupação com a realização processual da atividade. Naturalmente que, ao proceder à técnica, qualquer membro da equipe de enfermagem costuma ser, minuciosamente observado nos seus inúmeros aspectos, como acerca do material empregado, no modo da realização do procedimento, na relação estabelecida entre ela e o paciente, na organização do ambiente, entre outros. Controla-se a atividade realizada no paciente, passo a passo. Observa-se, ainda, que cada categoria da enfermagem, desde o auxiliar de enfermagem até a enfermeira, tem em geral especificadas as atividades pertinentes à sua função. Entretanto, em muitas ocasiões, nem sempre esta

especificidade é seguida a risca, por inúmeros motivos, mas principalmente por falta de pessoal qualificado e de material adequado.

A VIGILÂNCIA PERPÉTUA

A disciplina é uma técnica de poder que implica, segundo *Foucault* (1989, p.106), numa vigilância perpétua e constante dos indivíduos. Não basta olhá-los às vezes ou ver se o que fizeram, foi feito conforme a regra. É preciso vigiá-los durante todo o tempo e submetê-los a uma perpétua pirâmide de olhares.

No decorrer da época clássica, foram construídos observatórios para verificação do comportamento dos indivíduos. Esses observatórios tinham como modelo quase ideal o acampamento militar. No acampamento perfeito, o poder seria exercido pelo jogo de uma vigilância exata, e cada olhar seria uma peça no funcionamento global do poder. É assim que, no exército, aparecem sistemas de graus que vão, sem interrupção, do general até o soldado, como também ocorrem situações de vigilância permanente, nas revistas, inspeções, paradas, desfiles, entre outros, que permitem que cada indivíduo seja observado permanentemente ou saiba que pode, permanentemente, estar sendo observado.

Freqüentemente, no espaço hospitalar, os funcionários de enfermagem são observados sem exceção, e se observam também continuamente. Isto passa a ocorrer já na sua chegada à unidade de trabalho, quando recebem o plantão; continua durante todo o período de trabalho, finalizando, após o término da passagem de plantão, ao se retirarem do hospital. É comum a observação da enfermeira sobre os membros da equipe de enfermagem, no entanto, não é incomum que técnicos observem os auxiliares, e estes aos atendentes de enfermagem, dando-se movimentos de olhares, também, em sentido contrário e entrecruzado: todos parecem vigiar a todos. Uma verdadeira pirâmide perpétua de olhares! Pega-se o jeito contínuo de vigiar permanentemente na enfermagem.

A SANÇÃO NORMALIZADORA

Segundo *Foucault* (1989, p.159), na essência de todos os sistemas disciplinares, tem um tipo de mecanismo penal, que pode ser exercido por uma espécie de privilégio da justiça com suas leis próprias e micropenalidades. Estas são direcionadas, avaliando situações relacionadas com o tempo, com a realização da atividade, com a maneira de ser do indivíduo, com o modo dos seus discursos, com os modos do corpo agir, com os gestos e finalmente com as questões relativas à sexualidade. Ao mesmo tempo, é utilizada, a título de punição, toda uma série de processos sutis, que vão do castigo físico leve a privações ligeiras e as pequenas humilhações. Trata-se, ao mesmo tempo, de tornar penalizáveis as frações mais tênues da conduta e de dar uma função punitiva aos elementos, aparentemente indiferentes, do aparelho disciplinar.

Assim como em todos os setores onde há presença de trabalhadores, escolares, soldados, também aqueles que atuam na enfermagem, sofrem as micro-penalidades, dos mais diferentes tipos, até porque, na enfermagem, devido à sua construção histórica, há uma preocupação excessiva com o comportamento, com as atitudes, não faltando, nesse caso, as penalidades. Desde simples olhares repressivos, até sanções do tipo advertências orais e escritas, até demissões sumárias, fazem parte da rotina das punições na enfermagem. Não estão longe desta perspectiva, os Boletins de Avaliação de Pessoal de Enfermagem, que são usados desde a formação de alunos e se perpetuaram no sistema hospitalar.

Nas Congregações religiosas, entre as irmãs que trabalhavam no hospital, ocorriam, de vez em quando, algumas transferências coercitivas intra-hospitalares (mudanças de setores) ou até transferências extra-hospitalares quando, por qualquer motivo, queriam as superiores

equacionar o problema de uma determinada irmã que se insubordinou ou vinha, sistematicamente, se insubordinando às normas previamente determinadas. Nesse caso, não era incomum, transferir uma determinada irmã que trabalhava no serviço de enfermagem para o de nutrição e dietética (cozinha), ou então, transferiam-na de um hospital da capital para outro do interior, sem qualquer justificativa. Chegavam, às vezes, a transferir determinado grupo de irmãs enfermeiras, para locais diferentes (cursos de especialização, hospital e visitas à família), a fim de dispersá-las. Eram, na verdade, sanções, ainda que explicitamente não fossem assim reconhecidas.

O REGISTRO DAS OBSERVAÇÕES

A disciplina, segundo *Foucault* (1989, p.106), implica num registro contínuo. Anotações sobre o indivíduo e transferência da informação de baixo para cima, de modo que, no cume da pirâmide disciplinar, nenhum detalhe, acontecimento ou elemento disciplinar escape a esse saber.

No sistema clássico, o exercício de poder era confuso, global e descontínuo. Era o poder do soberano sobre grupos constituídos por famílias, cidades, vilas, isto é, por unidades globais, e não um poder contínuo atuando sobre o indivíduo.

No sistema disciplinar, é o poder de individualização que tem o exame como instrumento fundamental. O exame, segundo *Foucault* (1991, p.164), é a vigilância permanente, classificatória, que permite distribuir os indivíduos, julgá-los, medi-los, localizá-los e, por conseguinte, utilizá-los ao máximo. Através do exame, a individualidade torna-se um elemento pertinente para o exercício do poder.

O exame combina as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza. É um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. O exame não se contenta em sancionar um aprendizado; é um de seus fatores permanentes: sustenta-o segundo um ritual de poder constantemente renovado. O exame permite ao mestre, ao mesmo tempo que transmite seu saber, levantar um corpo de conhecimentos sobre seus alunos. O exame supõe um mecanismo que liga certo tipo de formação de saber a certa forma de exercício do poder.

Dentro do espaço hospitalar, a prática do exame pode ser percebida no modo como se examina e se documenta na ficha de cada funcionário, a sua forma de vestir, de andar, de comportar-se, de ser pontual ou não, de realizar seus procedimentos, seus registros. Enfim, o exame permeia, constantemente, a vida desses profissionais da enfermagem, seja pela própria enfermagem (enfermeira) ou por outros profissionais. Entretanto, são as próprias enfermeiras, as responsáveis por examinar os elementos da equipe. Além do registro dos funcionários em todos os níveis, existem os registros dos doentes, que são efetuados diariamente, quer na passagem de plantão, realizado durante três vezes ao dia (geralmente 7:00, 13:00 e 19:00 horas), quando se utilizam as folhas de evolução, quer no prontuário, quando todos os membros da equipe de saúde fazem seus registros, quer nas prescrições de enfermagem e médica, quando os profissionais, após avaliarem os doentes, registram novos cuidados e medicações. Portanto, no hospital, de um modo geral o registro faz parte do dia-a-dia de forma contínua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora aparentemente não se tenha a consciência de estarmos no dia-a-dia desenvolvendo ou sob o jugo do poder disciplinar, a verdade é que a equipe de enfermagem no seu cotidiano, ao longo do tempo vem se deparando com este tipo de poder. Um poder que se caracteriza por modelar o indivíduo, docilizar, tornar rentável, produtivo, como esse indivíduo se tomasse um produto ideal. Na verdade este modelo tem servido para fazer com que os membros da equipe de enfermagem não se rebelem, não se questionem, não se percebam como são

usados e explorados. É necessário refletir e dar um basta. Fazer frente às mudanças que vêm ocorrendo no mundo globalizado. Mostrar o valor dessa profissão e dizer não à docilização. Deve-se inicialmente ter a consciência da situação, refletir sobre a mesma, e buscar novas maneiras de modificar, pois só assim os membros da equipe de enfermagem, poderão atuar de modo menos restrito, com menos amarras e num processo de interação mais felizes consigo próprios, com seus pares e principalmente junto com os clientes e/ou pacientes.

ABSTRACT: A few considerations are developed on how the disciplinary power, from Foucault's stand – point, has been enacted on the members of the nursing team working within the hospital space, allowing in this way to know, to ponder and to make a new way to introduce changes in the area of Nursing.

KEYWORDS: disciplinary power, nursing, hospital space, Foucault

RESUMEN: Este estudio presenta algunas reflexiones, a la luz de Foucault, de cómo el poder disciplinario viene siendo ejercido sobre los miembros del equipo de enfermería que actúan en el espacio hospitalario; permitiendo, a partir de allí, conocer, reflexionar, y buscar una nueva forma de realizar cambios en el ámbito de la enfermería.

PALABRAS CLAVE: poder disciplinario, enfermería, espacio hospitalario, Foucault

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- _____. *Microfísica do poder*. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- _____. *Vigiar e punir*. Nascimento da prisão. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica*. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249
- LUNARDI, Valéria Lerch. A sanção normalizadora e o exame: fios visíveis/invisíveis na docilização dos corpos das enfermeiras. In: WALDOW, Vera Regina. LOPES, Marta Júlia Marques e MEYER, Dagmar Estermann. *Maneiras de cuidar, maneiras de ensinar: e enfermagem entre a escola e a prática profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 79-108.
- _____. *Do poder ao cuidado de si: a governabilidade na enfermagem*. 1997. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem) - Curso de Pós-Graduação em Enfermagem, UFSC, 1997.
- MIRANDA, Cristina Maria Loyola. *As enfermeiras e o poder institucional na estrutura hospitalar*. 2. ed. Rio de Janeiro: PROED, 1987.
- PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza Padilha. *A mística do silêncio: a enfermagem na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro no século XIX*. Pelotas: UFPel, 1998.